

BENVENISTE, A SUBJETIVIDADE E A LINGUAGEM

*Hercules Brasil Vernalha*¹

RESUMO

Este ensaio discute a questão da relação entre subjetividade e linguagem no pensamento de Émile Benveniste tomando a máxima “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” por referência central. Analisa como o autor busca as razões pelas quais a linguagem habilita a palavra a exercer a função instrumental de comunicação, procurando mostrar que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Por fim, instiga o leitor a pensar sobre a questão do sujeito e da linguagem em diferentes tradições filosóficas tais como a oriental.

PALAVRAS-CHAVE

Linguagem; Subjetividade; Sujeito; Comunicação.

ABSTRACT

This essay discusses the issue of the relation between subjectivity and language in the thought of Émile Benveniste having as the central reference his proposition “it is in language and by language that man constitutes himself as subject”. It also analyses how the author searches for reasons by which language enables the word to exercise the instrumental function of communication, trying to show that the basis of subjectivity is in language performance. Finally, it incites the reader to question about the issue of subject and language in different philosophical traditions such as the oriental.

KEY WORDS

Language; Subjectivity; Subject; communication.

¹ Doutorando em Língua Portuguesa pela PUC/SP. Mestre em Engenharia de Produção, Especialista em Administração e Graduado em Engenharia Civil. Coordenador dos Cursos de Engenharia da FAAT - Faculdades.

Se com Saussure e os estruturalistas a linguística assume a língua como seu objeto de pesquisa e busca alcançar a plenitude de seu caráter científico, livre da secular amarra dos ditames históricos e evolucionistas, é em Benveniste (2005), ou a partir dele e de alguns outros poucos autores, que ela, ao transcender os limites do tecnicismo, impõe-se como ciência maior, espalha-se e atrai para si a crescente atenção de pesquisadores de áreas tais como a filosofia e a psicologia, de cuja incômoda abrangência outrora se ressentia. Afirmações como a de que “[...] o fundamento da subjetividade está no exercício da língua.” (p. 288) têm sido e, tudo indica, continuarão a ser fonte de discussões e embates de caráter linguístico, filosófico e psicológico.

É a partir da análise do problema da significação, a busca por essa “coisa” em torno da qual se articula a língua, que Benveniste, sem prescindir do estruturalismo, ou antes apoiando-se nele, vai desenvolver seus estudos, que terminarão por adentrar “ao rico universo da enunciação” (MARQUESI, 2011, p. 12).

Já no primeiro capítulo da obra, Benveniste (2005) manifesta, citando Harris, seu incômodo para com as teorias cuja excessiva preocupação com a segmentação e descrição analítica resulta em “esquemas de distribuição” (p. 12) e “inventários de fonemas e morfemas” (Id), partindo da crença tecnicista de que a análise linguística, para configurar-se como científica, deve “abster-se da significação” (Ibid). Sua crítica ao pensamento behaviorista, e particularmente a Bloomfield, concentra-se no empobrecimento que provém da eliminação do elemento subjetivo, a significação ou sentido, quando ele é reduzido a um simples condicionamento linguístico. Segmentada e atomizada, a língua que resulta analisada por essa metodologia perde seu elo vital com a cultura, da qual é um das “principais fontes de conhecimento” (BENVENISTE, 2005, p.13).

No apanhado geral em que analisa algumas das diversas teorias e tendências, por vezes conflitantes, que se multiplicam no campo da linguística, o autor francês tampouco parece manifestar

entusiasmo para com modelos lógicos, como a Glossemática proposta por Hjelmslev.

O binômio saussuriano *significante e significado* reaparece em Benveniste (2005) como uma das discussões fundamentais. O emprego de símbolos, afirma o autor, faz do homem racional e está ausente nos animais. Símbolos não são simples sinais, cujo reconhecimento pode ser treinado, pois demandam interpretação que transcende a simples associação. Essa faculdade simbólica do homem “atinge sua realidade suprema na linguagem” (p.30). E como a linguagem se realiza “sempre dentro de uma língua” ela está indissociavelmente ligada a uma sociedade. “Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra” (p. 31). O mesmo acontece com a cultura, enquanto “[...] um universo de símbolos integrados numa estrutura específica e que a linguagem manifesta e transmite [...]” (p.32).

A partir da análise dos trabalhos de Von Frisch, relativos à dança das abelhas, Benveniste retoma a associação entre linguagem e sociedade, e analisa questões que envolvem a comunicação entre os indivíduos. O autor rejeita a ideia corrente pela qual a linguagem humana seria um *instrumento* de comunicação, na medida em que um instrumento é algo que põe em oposição o homem e a natureza, enquanto a linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou.

Insistindo, porém, na investigação da motivação pela qual se diz - indevidamente como visto acima - que a linguagem é um instrumento da comunicação, Benveniste passa a buscar as razões pelas quais a linguagem habilita a palavra a exercer, esta sim, a função instrumental ou veicular da comunicação. A busca leva o autor, em um dos momentos marcantes do estudo da linguística, a constatar o que denomina uma “propriedade da linguagem pouco visível sob a evidência que a dissimula” e assim introduzir a grande questão da subjetividade, tornando-se “[...] um divisor de águas na Linguística do século XX” (MARQUESI, 2011, p.12).

De fato, Benveniste (2005) vai propor que “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*” (p. 286). Procurando dissipar qualquer dúvida quanto à contundência de sua afirmação, o autor a repete, substituindo o termo *sujeito* por *ego*: “[...] só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (Id).

Não há espaço para dúvidas. Benveniste está afirmando que a subjetividade, enquanto unidade psíquica só é possível no âmbito da linguagem. Na leitura de Marquesi (2011, p. 14) “A linguagem é, portanto, a possibilidade da subjetividade [...]”. Nas palavras do autor, a subjetividade:

define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser ele mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo) mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência (BENVENISTE, 2005, p.286).

Essa afirmação é instigante, ousada, e será repetida e reforçada pelo autor por diversas vezes, de diferentes maneiras. Analisando a inexistência de um conceito ligado ao pronome “eu”, o que o diferencia e aos demais pronomes pessoais de todas as outras classes gramaticais, Benveniste (2005) afirma que: “É na instância do discurso na qual *eu* designa o locutor que este se anuncia como ‘sujeito’” (p. 288). O autor está propondo simplesmente que a subjetividade, o ego, a unidade psíquica só existe dentro da linguagem. As consequências que advêm dessa afirmação são muitas, nas mais diversas áreas de estudo, desde a filosofia até a psicanálise, passando, obviamente, pela própria linguística.

É justamente em alguns textos de estudiosos da linguística, porém, que se pode encontrar uma inesperada manifestação, quase uma reação, à proposta de Benveniste: sua silenciosa negação. Ela está presente em frases tais como “a subjetividade está expressa na linguagem”; “a linguagem propicia e expressão do eu”; “o

eu se expressa através da linguagem”. Afirmações desse tipo, que pretendem ser uma leitura da proposta de Benveniste, podem ser verdadeiras ou mesmo estar na abrangência da proposta do autor. Mas sempre parecem carregar em sua *suavidade* o temor de repetir sua ousadia ao afirmar que “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste” (p. 286) e que portanto essa consciência simplesmente *não existe* enquanto não me dirijo a um “tu”.

Benveniste (2005) parece ter intuído que o arrojo de sua proposta poderia resultar na dificuldade de sua aceitação e em interpretações enviesadas ao afirmar que: “É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua.” (p. 288, grifo nosso). *Fundamento não é expressão* e sim fundação, motivo, razão.

Esta e outras ideias do autor provocaram e ainda provocam, como se disse anteriormente, manifestações e reações nas mais diversas áreas do pensamento. A título de exemplo, Derrida (apud HART, 1999) criticou enfaticamente a possibilidade, levantada por Benveniste, de que o discurso filosófico seja regido pelas restrições da linguagem, contrapondo que a filosofia precederia a linguística. Erich Fromm (2007), por sua vez, apoia-se em seus estudos sobre o verbo *ser* no desenvolvimento de sua obra “Ter ou Ser”.

A questão específica que envolve o fundamento da subjetividade na linguagem alcança diversas correntes filosóficas. Uma abordagem à qual a proposta poderia interessar particularmente diz respeito às filosofias orientais ligadas à tradição budista, que negam a existência do *eu* enquanto ser separado. Uma rápida pesquisa bibliográfica aponta alguns poucos trabalhos, de diferentes naturezas, que apresentam essa discussão. Em um artigo que versa sobre cinema, Scheibler (1987) traça justamente um interessante paralelo entre as ideias de Benveniste e os preceitos do Zen-budismo, que remetem à não-diferenciação de todas as coisas.

Uma pesquisa mais criteriosa certamente apontará outros estudos relacionando as propostas do autor relativas à subjetividade na linguagem e as filosofias orientais. Outras tantas poderão vir a ser desenvolvidas, haja vista seu caráter instigante e seu interesse multidisciplinar.

Bibliografia

BENVENISTE, E. Problemas de Lingüística Geral - volume I. Campinas: Pontes, 2005.

_____ Problemas de Lingüística Geral - volume II. Campinas: Pontes, 1989.

DERRIDA, J. The Supplement of Copula: Philosophy before Linguistics. In: HART, R. Translating the intranslatable: From Copula to Incommensurable Words. In Conference "Rethinking Science and Civilization: The Ideologies, Disciplines, and Rhetorics of World History", 1999, Stanford University, PROCEEDINGS... May 21-23, Disponível em < <http://www.stanford.edu/dept/HPS/RethinkingSciCiv/etexts/Hart/Translating.html>>

FROMM, E. To Have or To Be. London: Continuum, 2007.

MARQUESI, S. C. Benveniste após meio século. In: VARGAS, M. V. A. M; SPARANO, M. Enunciação, Subjetividade e Práticas de Linguagem: revisitando Benveniste. São Paulo: Paulistana, 2011 - Capítulo 1, p. 11-24.

SCHEIBLER S. The Reflecting Pool: A Space of Memory. USC School of Cinematic Arts – Spectator. Los Angeles, Issue 8.1, winter, p.22, 1987.